



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

METODOLOGIA DE PROJETOS COMO RECURSO DE COMBATE AO BULLYING E CYBERBULLYING NA ESCOLA

Maria Aparecida Alves de Souza ¹
Suely Alves de Lima ²
Luzia da Trindade Souza ³

Resumo: o presente estudo objetivou analisar possíveis contribuições da Metodologia de Projetos para combater o Bullying e Cyberbullying no Ensino Fundamental II de uma Escola Municipal do interior da Paraíba. Neste sentido, empregamos como recorte para este artigo apenas algumas produções textuais acerca do Bullying escritas pelos alunos dos 6º e 7º Anos. A pesquisa configurou-se de natureza qualitativa, a técnica de coleta de dados consistiu em Rodas de diálogos, Palestras, Música, Peça teatral, produção textual, e diário de bordo. Os resultados da pesquisa mostraram que a maioria dos participantes conceberam o Bullying como expressão do preconceito, discriminação, apelidos pejorativos e brincadeiras maldosas, como também por negligência por parte da escola. Assim como houve relato do Bullying como propagação da violência doméstica.

Palavras-chave: Bullying; Metodologia de Projetos; Ensino Fundamental II; Prevenção e combate.

1 Introdução

O Bullying é definido como um comportamento de crueldade nas relações interpessoais, em que os mais fortes transformam os mais frágeis em objeto de diversão e prazer, através de brincadeiras que disfarçam a finalidade de maltratar e manipular. O Bullying é caracterizado por um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica de natureza intencional e repetitivo, cometida por um sujeito ou grupo, acarretando prejuízos pessoal, escolar, social que desestabiliza a interação entre os indivíduos, seja em sala de aula, seja na escola (FANTE 2005; SILVA 2010).

Por outro lado, como aponta Silva (2020, p.1) “O mau uso dos recursos tecnológicos e da internet, especialmente entre adolescentes, facilitou o surgimento de uma variação do *bullying*, o *bullying virtual*, denominado *cyberbullying*.” Nesse contexto, com a democratização do acesso dos estudantes a Internet e, principalmente, às redes sociais tem-se expandido uma nova forma de Bullying, que é praticado por meio virtual. Esta configuração

¹Graduada pelo Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, graduanda em Pedagogia – UFPB, aparecidaalves.c09@gmail.com ;

² Graduanda do Curso de Letras Clássicas da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, swellylima@outlook.com;

³ Oreietadora: Mestra pelo Curso de Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, graduada em Serviço Social – UFPB, luziatrindade74@gmail.com.



vem chamando atenção de profissionais da educação devido as instabilidades vivenciadas por alunos no espaço escolar e suas consequências na vida desses sujeitos.

Diante disso, este estudo levanta o seguinte questionamento: de que forma a Metodologia de Projetos pode auxiliar na prevenção e coibição de conflitos oriundos do Bullying e Cyberbullying na escola? Como apontam França e Gomide (2015) a utilização da metodologia de projetos tem por base as novas tecnologias, pois são fundamentais para o sucesso dessa aplicação em uma prática pedagógica, porém, requer maior preparação dos adolescentes por parte da comunidade escolar para se evitar o uso inadequado desses meios sociais e digitais.

Com isso, o interesse pela pesquisa decorre de um projeto sobre Bullying desenvolvido em uma escola pública do interior da Paraíba⁴, localizada no centro da cidade, cuja escola era a única que contemplava alunos do Ensino Fundamental II, matriculados no município, tanto os alunos da zona urbana quanto os da zona rural. Durante a efetivação do projeto, no segundo dia de atividades, a diretora agradeceu as idealizadores da ação, relatando que havia reduzido consideravelmente a quantidade de alunos na direção devido conflitos advindos de brigas causadas por apelidos e brincadeiras maldosas.

Assim, a metodologia adotada para realização deste estudo, parte de uma pesquisa de natureza qualitativa, a técnica de coleta de dados consistiu em Rodas de diálogos, Palestras, Música, Peça teatral, produção textual, e diário de bordo. Empregamos como recorte para este artigo apenas algumas produções textuais acerca do Bullying escritas pelos alunos dos 6º e 7º Anos. Este trabalho tratou-se de abordagem multidisciplinar que almejou levar a comunidade escolar a refletir e intervir no combate ao Bullying vivenciado na escola.

Por outro lado, durante a realização do projeto a equipe foi solicitada pela direção para dialogar com alguns alunos que estavam compartilhando fotos de um colega, o qual se sentiu humilhado pela compartilhamento da imagem e propagação da situação na qual ele relatou ter sido alvo de gozações e Bullying no espaço virtual. Com isso, percebemos a necessidade da utilização da Metodologia de Projetos nas escolas como forma de se discutir que as “brincadeiras” de mau gosto que podem acarretar problemas muito sérios e danosos aos estudantes. Essas “brincadeiras” afetam diretamente os Direitos Humanos desses indivíduos, a exemplo da dignidade humana.

Nesse sentido, a comunidade escolar precisa estar atenta para identificar e evitar tanto o bullying, como o Cyberbullying na escola; pois ambos são violências que apresentam danos

⁴ Este artigo é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Neuropsicopedagogia Institucional, apresentado á Faculdade Evangelica do Meio Norte – FAEME.

a curto e, sobretudo, a longo prazo. Por outro lado, acredita-se que os resultados desta pesquisa possam embasar outros estudos que favoreçam aos profissionais do campo educacional uma alternativa muito eficiente para o trabalho em conjunto em toda a comunidade escolar.

3 Contextualizando o tema: Metodologia de Projetos versus Bullying e Cyberbullying

A Metodologia de Projetos chega nos Estados Unidos no início do século XX, através dos filósofos e educadores americanos como John Dewey e William Kilpatrick, que defendiam uma educação para a vida, baseada no interesse e experiências dos alunos; com isso, por meio da reconstrução das experiências e ao trabalhar com projetos é possível efetivar os objetivos dos projetos e preparar o aluno para a vida, conforme destacaram França e Gomide (2015). As autoras também abordam que “no Brasil o trabalho com projetos começou a se difundir a partir da divulgação do movimento conhecido como “**Escola Nova**”, através de Anísio Teixeira e Lourenço Filho”. (FRANÇA E GOMIDE 2015, p.23).

Contudo, Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron (1992) ao abordarem a Teoria da Violência Simbólica, que parte do pressuposto de que a educação está diretamente ligada a cultura. Por isso, pensar a educação em uma determinada sociedade, é pensar como a cultura se reproduz e como a educação é consolidada a partir da aceitação da cultura pela sociedade. Nesse sentido, os autores afirmam que vivemos em uma sociedade de classes, onde há os dominantes e os dominados, na qual estes últimos sofrem uma violência arbitrária cultural por interiorizar uma cultura imposta, que não é sua. Esses grupos assumem uma prática cultural violenta, de caráter simbólico.

AP (**Ação Pedagógica**) escolar que reproduz a cultura dominante, contribuindo desse modo para reproduzir a estrutura das relações de força numa formação social onde o sistema de ensino dominante, tende a assegurar-se do monopólio da violência simbólica legítima. (BOURDIEU; PASSERON 1992, p. 21, *grifo nosso*).

Com isso, a escola teria o conteúdo dos grupos e classes dominantes, portanto na abordagem dos autores, esta instituição propaga as desigualdades sociais realizadas por meio dos processos de Ação Pedagógica, quando é negado ao outro a participação ativa na aprendizagem, na qual o aluno sofre uma violência da escola, representada de forma hierárquica (por que decorre dos conteúdos do capital cultural transferidos dos dominantes

para os dominados) sistema de ensino, gestores professores para os alunos, estrutural e simbólica, como elemento propagador das desigualdades sociais.

Nesta perspectiva, ao abordarmos a violência no âmbito da escola como uma prática “naturalizada” por grande parte da população e profissionais da educação. Por outro lado, de acordo com Slobodzian (2016), a problemática do Bullying existe há muito tempo e já causou muito sofrimento e traumas físicos e emocionais a crianças e adolescentes, mas atualmente está sendo debatido por profissionais da educação e saúde, no sentido de conscientizar a sociedade dos malefícios dessa prática na escola e da necessidade de se evitar a propagação do Bullying.

Todavia, segundo Silva (2020), devido ao avanço tecnológico e a democratização da internet, reduziram as inter-relações presenciais dos adolescentes com pais e educadores e ampliaram-se as relações estabelecidas no ambiente virtual, notadamente em relação às redes sociais, no entanto são poucos os (as) adolescentes que apresentam compreensão em utilizá-las com segurança e responsabilidade.

Diante disso, a autora indica ter aumentado os índices de violência virtual entre alunos, em algumas situações negligenciada por parte dos pais e professores, ao considerar essa agressão, brincadeiras próprias da idade. Assim, conforme Casado (2011 Apud SILVA, 2020, p.3), “o *cyberbullying* reflete todas as formas de intolerância transferida do mundo real para o mundo virtual, com exceção das práticas de violência física”.

O Bullying é praticado de várias formas, suas expressões podem ser identificadas através das principais características, tais como aborda (SILVA, 2010): Verbal, como insultar, ofender e xingar, fazer gozações, colocar apelidos, fazer piadas ofensivas; Físico e Material: bater, chutar, espancar, ferir; roubar ou furtar; Psicológico e Moral: irritar, humilhar, excluir; ignorar, desprezar ou fazer pouco caso; Sexual: abusar, violentar, assediar, insinuar; Virtual/Cyberbullying: compartilhar imagens comprometedoras fazer comentários maldosos em Redes Sociais, humilhar virtualmente.

Nessa perspectiva, a mesma autora classifica as formas de propagação do Bullying como vítimas, agressores e espectadores. Para a autora, os protagonistas do Bullying apresentam perfis que podem ser identificados por meio de características, as vítimas por exemplo, na maioria das vezes são tímidas, apresentam rendimento escolar abaixo do esperado, faltam as aulas com constância, o comportamento costuma ser oscilante.

Assim, as vítimas são divididas em três tipos: vítima típicas que apresentam dificuldades de socialização, timidez, autodefesa. Exibem algumas características que as distingue das demais estudantes; vítima provocadora que provoca reações agressivas contra si



mesma. Porém não consegue se defender dos agressores, como exemplo, as pessoas com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH); a vítima agressora que apresenta respostas instantâneas, ao serem agredidas, expressam o mesmo comportamento.

Por outro lado, como afirma Silva (2010) os agressores são os líderes que recebem poder e ajuda dos colegas com ideias semelhantes para alastrar a prática do Bullying. São pessoas articuladas em casa e na escola, desrespeitam regras, apresentam um forte “poder” persuasivo, gostam de ser o centro das atenções na escola e se sentem superiores. Em contrapartida, os espectadores não costumam contar o que presenciam, também não demonstram diferença de comportamento em casa e na escola.

Geralmente só expressam alguma atuação acerca do Bullying de forma implícita. São definidos pela autora como: Não participam das agressões e não apoiam, contudo não denunciam por medo de se tornarem as próximas vítimas; os espectadores ativos não participam diretamente das agressões, todavia são estimuladores e articuladores como também se diverte com o sofrimento das vítimas; espectadores neutros que são pessoas oriundas de contextos desfavoráveis ou são de ambientes nos quais a violência é parte integrante de sua realidade, ao ponto de o sofrimento alheio não lhe causar compaixão.

3.1 Contribuições dos Professores no Combate ao Bullying

Ao elucidar as contribuições dos professores no combate ao Bullying, implica discorrer sobre vários aspectos que direto ou indiretamente estão imbricados na atuação pedagógica em sala de aula, frente a problemática acerca do Bullying, sobretudo em sua relação nas diversas inter-relações entre os alunos. Neste sentido, a formação acadêmica dos professores, em sua maioria, não os prepara para resolver os conflitos, questões emocionais pessoais e dos alunos. Diante disso, CLEO FANTE (2005) destaca:

Esse despreparo dos professores ocorre porque, tradicionalmente, nos cursos de formação acadêmica e nos cursos de capacitação, são treinados com técnicos que unicamente os capacitam para o ensino de suas disciplinas, não sendo valorizada a necessidade de lidarem com o afeto e muito menos com os conflitos e com os sentimentos dos alunos (p. 68).

Com isso, os docentes valorizam em demasia a formação cognitiva dos discentes; por outro lado, minimizam as implicações dos aspectos emocionais e as formas de inter-relações entre eles. Também não podemos atribuir aos professores a culpa por essa problemática, pois compreendemos que não é simples resolver essa questão. Contudo, é indispensável que os



docentes apresentem uma postura firme diante de situações violentas entre alunos, seja ela verbal, seja física ou psicológica.

Nesse sentido, o pensamento Santos (2018) sugere que, desde os primeiros dias letivos, os docentes dialoguem com seus alunos sobre o Bullying e suas implicações na vida pessoal, escolar, social tanto das vítimas como das agressoras e, sobretudo, que o professor deixe evidente que não será conivente com violências disfarçadas como brincadeiras. Uma vez cientes do que é o Bullying, como se propaga e suas consequências, os alunos não podem alegar falta de conhecimento de seus atos, justificar que tudo não passa de uma brincadeira; assim como a vítima não possa apresentar danos irreversíveis, chegando até a cometer suicídio.

Como orienta Escorel et al (2009, p.7) ”**Bullying não é brincadeira**, porque só existe brincadeira quando os envolvidos se divertem. Quando uns se divertem e outros sofrem (porque são os objetos da diversão), não pode haver brincadeira e sim violência.”

Por outro lado, não podemos conferir toda a responsabilidade aos professores. Necessita haver um comprometimento compartilhado entre escola e família. “Para solucionar os problemas e questões do bullying, a família dos envolvidos (vítimas, agressores e testemunhas) tem função primordial para combater este fenômeno e amenizar os impactos destes” (SANTOS 2018, p. 28).

4 Resultados e Discussão

Podemos considerar que obtivemos resultados satisfatórios, uma vez que promovemos a reflexão na escola sobre a temática, discutimos as principais causas e consequências sobre o Bullying com os professores e alunos. Por outro lado, conforme relatos da direção da Escola, após o segundo dia de realização do projeto, já houve redução da quantidade de alunos presentes na direção, decorrentes de brigas ou agressão devido apelidos maldosos, insultos ou confusões entre alunos. Nesse sentido, destacamos alguns dos resultados obtidos através da professora de Português que trabalhou com produção textual com alunos dos 6º e 7º Anos.

Nessas expressões textuais, os alunos escreveram relatos de vida dos mais variados tipos, sendo classificado como: Concepção de Bullying, Tipos de Bullying identificados pelos alunos⁵, Implicações Bullying na vida dos alunos e Estratégias de combate ao Bullying na escola.

⁵ Como forma de preservar as identidades dos estudantes participantes, foram atribuídas as letras iniciais fictícias para as transcrições dos textos, também destacamos em itálico como forma de destacar do restante da escrita.



4.1 Concepção de Bullying

Para Fante (2005) o Bullying pode ser definido como o desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa através de comportamentos agressivos e antissociais submete-la a tensão. Neste sentido, a definição da autora converge com o relato abaixo: *O Bullying é uma palavra bem pequena, mas o preconceito é enorme. O Bullying é zoar das pessoas por que elas são morenas ou brancas, se elas são gordas ou magras, se a gente é comportada ou estudiosa chama de nerde etc... Bullying é excluir as pessoas. (G.A 6º Ano).*

Com isso fica evidente na descrição da aluna que há uma intenção de violência por parte do agressor do Bullying ao inferiorizar ou minimizar a colega por uma característica que ela apresente ou não, mas que de alguma forma é expressada na forma para humilhar ou excluir a vítima.

De acordo com Fante (2005) a ausência de valores humanistas favorecem a intolerância dos estudantes ao expressam a não aceitação do que consideram diferentes, relacionados a religião, estatura física, peso, cor; também pode ser uma diferença de origem psicológica, social, sexual e física; ou relacionada a aspectos de coragem e habilidades intelectuais.

O descrito acima vai de encontro com a defesa dos Direitos Humanos⁶ como uma forma de valorizar as diferenças e respeitar a dignidade humana, promovendo, assim, a inclusão social de todos e o combate a violência e a violação dos direitos.

Por outro lado, Silva (2010) afirma que os agressores são pessoas articuladas em casa e na escola, desrespeitam regras, são indivíduos bastante persuasivos, gostam de ser o centro das atenções na escola e se sentem superiores. O que é possível identificar no relato seguinte: *tem um menino que ficava me apelidando quase todo dia mas eu não ligo... eu digo a mãe dele mais a mãe dele só diz que é pra ele parar e mim apelidar...(S.A.A, 7º Ano).*

Dentre os relatos, cabe frisar que podemos identificar interjeições, a exemplo de: mas eu nem ligo, contudo nas próprias descrições são evidentes os pedidos de intervenções solicitadas contra os apelidos indesejados insistentes e preconceitos vivenciados no cotidiano escolar.

⁶ São aqueles comuns a todos, a partir da matriz do direito à vida, sem distinção alguma decorrente de origem geográfica, caracteres do fenótipo (cor da pele, traços do rosto e cabelo etc), da etnia, da nacionalidade, sexo, faixa etária, presença de incapacidade física ou mental, nível socioeconômico ou classe social, nível de instrução, religião, opinião política, orientação sexual, ou de qualquer tipo de julgamento moral. São aqueles que decorrem do reconhecimento da dignidade intrínseca de todo ser humano (BENEVIDES, 2007, p. 336-337).



4.2 Tipos de Bullying identificados pelos alunos

Na Teoria da Violência Simbólica defendidas por Bourdieu e Passeron (1992) eles abordam que a propagação das desigualdades sociais pelas escolas, este habitat de alastramento ocorre por meio da Ação Pedagógica na qual, o grupo responsável pela formação discente se expressa na condição de superioridade introduzindo a cultura repressora e violenta. Com isso, de forma intencional ou não, a instituição pode estar estimulando uma cultura da violência, como é o caso do Bullying, como descreve a estudante: *Tem várias formas de Bullying, como o da escola que é o Bullying escolar e tem o social que é a pessoa ser excluída da sociedade etc. (A.A 6º Ano).*

Para (SILVA 2020, p.3.) “A escola não deve estar alheia aos acontecimentos que perpassam seu ambiente, uma vez que as relações vivenciadas pelos alunos impactam o processo de ensino- aprendizagem”. Assim sendo, fica evidente a ausência de conhecimento e /ou posicionamento por parte da instituição, como podemos conferir no relato: *Eu como várias outras pessoas já sofreram como ainda sofrem, e uma dessas pessoas é uma amiga minha, ela é um pouco cheinha por isso que essas pessoas praticam o BULLYING com ela, e também porque ela tem o corpo um pouco evoluído para sua idade, assim essas pessoas preconceituosas e racistas acabam prejudicando a vida dela(J.A.L, 7º Ano).*

Por outro lado, em pesquisa realizada com alunos, Fante e colaboradores (2005), constataram que 87% dos alunos envolvidos em Bullying acreditavam que os maus-tratos sofridos entre companheiros poderia ser consequência direta da violência doméstica reproduzida na escola. Esse aspecto é ratificado no relato seguinte: *Quando eu estudava no sítio eu sofri muito bullying um menino ele batia muito nas meninas e principalmente em mim e chamava muito palavras. Toda vez que o pai dele vinha buscar ele e a gente sempre sabia que ele tinha levado uma surra e quando ele chegava na escola ele brigava com a gente...um vez chegou quase a bater no professor Queria machucar todo mundo (E.A.D, 6º Ano).*

Com isso infere-se que tanto a escola como a família apresenta sua contribuição na proliferação do Bullying na escola, uma vez que a escola por ser a instituição responsável pela formação global dos sujeitos, sendo esta permeada por elementos culturais, nos quais estão implicados a violência simbólica, seja por meio da negação, seja por omissão ou negligência. A família, por ser a socialização primária da criança, devendo ser o ambiente de proteção e segurança, em muitas situações, tornam-se referências para a disseminação da violência física e psicológica.



4.3 Implicações do Bullying na vida dos alunos

Conforme Escorel et al (2009) as vítimas que passam humilhações e apelidos que lhes sujeitam ao constrangimento, ocasionando, em muitas situações a perda de referência e identidade; ao serem reconhecidos pelos apelidos pejorativos que reduzem sua autoestima e autoconfiança. Como podemos observar no relato que se segue: *ele fica muito triste e também ficam chamando ele de elefante...vários apelidos com ele (A.P, 6º Ano).*

Escorel et al (2009) chamam a atenção para o fato de que as consequências para quem sofre o bullying são imprevisíveis. Podendo ser as mais diversas possíveis, desde isolamento, até agressões, homicídios e tentativas de suicídio. Isso fica notório no relato seguinte: *Porque ela acaba não querendo interagir com as pessoas por vergonha, não quer ir à escola, e isso pode chegar a conclusões bem extremas como o suicídio ((P.S.A, 7º Ano).*

Essa informação é um alerta para profissionais que atuam com crianças e adolescentes, sobretudo para os da educação, da necessidade de compreendermos essa problemática e se sensibilizarem com a causa, no sentido de acolherem os estudantes e estabelecerem estratégias de prevenção e combate ao Bullying na escola.

4.4 Estratégias de combate ao Bullying na escola na perspectiva dos alunos

Em pesquisa realizada por Silva (2020) foi apontado algumas reações dos alunos ao serem expostos a comentários ofensivos, sejam eles presenciais ou virtuais 45% ignoraram o fato; 5% resolveram conversar com o autor da agressão; 5% contaram para um amigo em segredo, enquanto 10% mantiveram sigilo; outros 10% contaram para familiares e 25% nunca sofreram. Nenhum aluno solicitou à ajuda de professores.

Contudo, o relato seguinte apresenta dados distintos, uma vez que no primeiro caso podemos confirmar que a discente evidenciou uma postura ativa diante da situação, ao deixar subentendido que há uma hierarquia possível de ser recorrida no caso de insistência ao Bullying, como pode ser identificado na descrição seguinte: *quando vejo alguém fazendo isso na escola mando ela parar se não chamo a direção para lhe denunciar, vou dizer a diretora para tomar providências (M.J.S, 6º Ano).*

Nesse sentido, faz-se pertinente destacar o objetivo II do 4º Artigo da Lei de combate ao Bullying que aborda como função das instituições de ensino: “Capacitar docentes e equipes



pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema” (Brasil, 2015).

Com isso, o entendimento dessa problemática vai facilitar ao docente uma ação direta de contenção da violência, propiciará o apoio às famílias por meio de orientação aos pais para respostas mais assertivas aos filhos. Assim como o docente irá favorecer a reflexão dos alunos acerca da prática de apelidos que os colegas se sentem desconfortáveis, não pode ser considerado brincadeira, mas sim, uma violência contra o colega.

Para Escorel et al (2009), no intuito de inibir e evitar ações de violências, faz-se fundamental um trabalho preventivo de sensibilização dos educadores, familiares, profissionais das diversas áreas do conhecimento e sociedade em geral passa atuar em conjunto para o trabalho educativo de contenção da violência, seja na escola, na rua, em casa, de forma presencial ou virtual. É preciso ser estimulado um ambiente de respeito às diferenças e uma cultura de paz, onde o respeito, a solidariedade e a tolerância sejam parte inerentes às relações interpessoais entre os sujeitos.

Essa necessidade de comunhão é evidenciada no relato da estudante: *Isso acontece todos os dias! Mas nós podemos mudar essas atitudes, basta nós nos juntar, trabalhar mais esse assunto nas escolas, fazermos trabalhos projetos e muito mais (M.B.L, 7º Ano)*. Nesta perspectiva:

Dentre as ações é muito importante que os professores e equipe pedagógica sejam preparados para perceber as situações de ocorrência, intervindo e encaminhando os casos; descrições de regras claras sobre *bullying* e *cyberbullying* no Projeto Político Pedagógico; Regimento Escolar; Regimento interno; encaminhamento das vítimas e agressores aos atendimentos de assistência, orientação a toda comunidade escolar a respeito do problema e suas consequências, buscando assim formar um elo de prevenção e cidadania no âmbito escolar. (SLOBODZIAN, 2016. p. 4).

Desse modo, além da escola desenvolver uma atuação efetiva de estabelecer nos documentos da instituição desde o diagnóstico e intervenção em situações de Bullying e cyberbullying, torna-se de igual relevância a participação ativa dos estudantes no processo de discussão e propostas de soluções, sobretudo por meio que visem o protagonismo desses sujeitos. Com isso, França e Gomide (2015, p.25) destacam que “a metodologia de projeto é um plano que traçamos para administrar qualquer projeto, é esse procedimento que dará o “norte” para alcançarmos o objetivo desejado”.

Através da participação ativa nos projetos, os alunos atuam de forma direta nas problemáticas vivenciadas, propondo táticas e intervindo nas situações de Bullying. Este é um recurso muito importante, pois possibilita ao estudante ser protagonista na mudança das ações que estão prejudicando as relações interpessoais na escola e na comunidade.

No que concerne a concepção do Bullying, a maioria dos participantes o conceberam como forma de preconceito, discriminação, apelidos pejorativos e brincadeiras maldosas. Quanto ao tipo, houve alunos que se identificaram vítimas, outros tanto como vítimas quanto agressores; como também por negligência por parte da escola e de alguns docentes. Assim como teve relato do Bullying como propagação da violência doméstica.

Nesse contexto, a Lei 13.185/2015 de Combate ao Bullying aborda a prevenção e combate por meio da formação dos profissionais da educação que devem estarem aptos a tomadas de decisões perante situações de conflitos. Contudo, cabe ao Estado e municípios promoverem as informações e conscientização da comunidade escolar. Para isso oferecer e fiscalizar recursos contribuídos para identificar, orientar pais e alunos e desenvolver intervenções coerentes. Com isso, garantir o direito de acesso e acompanhamento dos sujeitos vítimas e agressores do Bullying, pois ambos requerem assistência.

Art. 4º Constituem objetivos do programa: I - Prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (**bullying**) em toda a sociedade; II - Capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema; III - Implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação; IV - Instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores; V - Dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores. (Brasil, 2015).

Com isso, é ressaltada a necessidade de apoio e compreensão por parte das famílias na coparticipação na educação dos filhos, não apenas no que se refere ao aspecto cognitivo, como também para a formação de valores, como empatia, respeito às diferenças e solidariedade e promoção da dignidade humana; ou seja, uma cultura de paz na escola. Acredita-se que os resultados desta pesquisa possam embasar outros estudos que favoreçam aos profissionais mais um recurso para o trabalho em conjunto em combate ao Bullying e cyberbullying na escola.



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

6 Referências

BENEVIDES, Maria Vitoria. Direitos Humanos: desafios para o século XXI. Educação em Direitos Humanos fundamentos teórico-metodológicos. *In: SILVEIRA, Rosa Godoy et al.* (org.). **Fundamentos teórico-metodológicos da educação em direitos humanos**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2007. p. 335-350.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1992.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, DF. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm. Acesso em: 15 Fev. 2021.

SCOREL, Soraya Soares da Nóbrega; SCOREL, Alley Borges; BARROS, Ellen Emanuelle de França. **Bullying não é Brincadeira**. Cartilha, João Pessoa/PB, 2009.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: programa educar para a paz. São Paulo: Versus, 2005.

FRANÇA, Denise Mendes; GOMIDE, Elisa Maria. **Metodologia de Projetos**. Cuiabá, MT: UFMG, rede e-tec Brasil, 2015. E-book.

SANTOS, Jaqueline Cirino dos. O papel do professor frente às questões de bullying na sala de aula: implicações e impactos na vida das vítimas. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP. Cajazeiras, 2018. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/6585/1/JAQUELINE%20CIRINO%20DOS%20SANTOS.%20TCC.%20LICENCIATURA%20EM%20PEDAGOGIA.2018.pdf>. Acesso em: 26 abril. 2021.

SLOBODZIAN, Lucia. **Bullying no contexto escolar**: possibilidades de Intervenção. Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_ped_unespar-campomourao_luciaslobodzian.pdf. Acesso em: dez. 2020.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: Mentas Perigosas nas Escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Denise Pires da. A educação como ferramenta na prevenção e combate ao Cyberbullying. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Porto Alegre. Scientia Tec: **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do IFRS**, v. 7 n. 2, p: Julho 2020. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ScientiaTec/article/view/3200>. Acesso em: 3 dez. 2020.